

DESAFIOS NO USO DA LEITURA LITERÁRIA PARA ABORDAGEM DO LUTO INFANTIL: PROPOSTA DE REALIZAÇÃO DE SEQUÊNCIA BÁSICA

CHALLENGES IN THE USE OF LITERARY READING FOR APPROACH TO CHILD MOURNING: PROPOSAL FOR REALIZATION OF BASIC SEQUENCE.

Caroline Martins Chaves  <https://orcid.org/0000-0002-5321-3574>
Programa Pós-Graduação em Educação e Ensino - Universidade Estadual do Ceará
caroline.martins@aluno.uece.br

Keila Andrade Haiashida  <https://orcid.org/0000-0003-3700-9589>
Programa Pós-Graduação em Educação e Ensino - Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - Universidade Estadual do Ceará
keila.haiashida@uece.br

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18227825>

*Recebido em 19 de fevereiro de 2025
Aceito em 17 de outubro de 2025*

Resumo: Este artigo aborda os desafios no uso da leitura literária para abordagem do luto infantil. Esta pesquisa teve como objeto de estudo o luto infantil em obras literárias. Os objetivos foram identificar e analisar leituras literárias endereçadas as crianças que abordem perda e luto e apresentar uma sequência didática literária a partir da proposta de Rildo Cosson, baseado no livro *Letramento literário: teoria e prática* (2021). A metodologia teve abordagem qualitativa do tipo bibliográfica. A pesquisa está subsidiada pelos seguintes autores(as): Ariès (1977), Aberastury (1984), Kovács (1992), Bowlby (2001), Abromovich (2009), Cosson (2021). Os resultados apontam que lidar com o luto infantil é um desafio que pode ser enfrentado por intermédio da leitura literária. Portanto, existem hoje diversas obras que assumem essa temática. É importante falar sobre o luto com as crianças de forma direta e sensível, de modo que elas possam compreender, independentemente de sua idade. A leitura literária surge como estratégia possível ao permitir a partilha de sentimentos entre o leitor e os personagens e socializações mediadas no espaço da sala de aula, através da sequência básica de Cosson.

Palavras-chave: Luto Infantil. Leitura Literária. Sequência Básica.

Abstract: This article addresses the challenges involved in the use of literary reading as an approach to childhood grief. The objectives were to suggest intended for children's literary readings that address loss and grief and present a literary didactic sequence from the proposal of Rildo Cosson, based on the book *Literary Literacy: Theory and Practice* (2021). The methodology had a qualitative approach of bibliographic type. The research is funded by the following author(s): Ariès (1977), Aberastury (1984), Kovács (1992), Bowlby (2001), Abromovich (2009), Cosson (2021). The results indicate that dealing with child grief is a challenge that can be faced through literary reading. Therefore, there are today several works that take this theme. It is important to talk about grief with children in a direct and sensitive way so that they can understand, regardless of their age. Literary reading emerges as a possible strategy by allowing the sharing of feelings between the reader and the characters and socialization mediated in the classroom space, through the basic sequence of Cosson.

Keywords: Child mourning. Literary Reading. Basic Sequence.



1 Introdução

Por diversas circunstâncias, as pessoas podem afastar-se uma da outra, seja por uma viagem, por mudança de cidade ou de bairro, ou por ocasiões da vida. Isso gera desconforto, a saudade pode surgir e, por uma simples mensagem instantânea de texto no celular, podemos nos comunicar com aquela pessoa e sanar um pouco sua falta. Entretanto, o afastamento definitivo, em decorrência da morte, impossibilita, por exemplo, duas pessoas que se amam de conversarem, nem que seja por ligação, ou se tocarem. Às vezes, se deseja somente dar aquela notícia boa, mas, infelizmente, o ente querido não está mais em nosso convívio. E o que se pode fazer com as emoções? E as crianças, quando vivem a perda, como podemos ajudá-las?

A vivência do luto é algo inerente ao indivíduo, pois todas as pessoas em algum momento da vida devem perder alguém próximo, independentemente da idade, gênero e raça. A matéria de “*O Globo*” (2021) partilhou dados de estudo realizado pela Revista “The Lancet” na qual afirmava que “pelo menos 1,5 milhão de crianças no mundo perderam o pai, a mãe, um avô ou avó ou um responsável em razão da Covid-19 durante a pandemia”. No Brasil, segundo cálculo dos pesquisadores, 130.363 crianças tiveram essa experiência. Tatsch (2021) afirma que “o estudo oferece, pela primeira vez, estimativas mundiais de crianças que enfrentaram a morte de um responsável por sua criação. O levantamento foi feito a partir de dados de 21 países” (2021, p. 01). Verifica-se que os dados evidenciam e que as crianças necessitam de amparo afetivo nas situações que vivenciam o luto, pois, ao perderem um parente muito próximo, podem ficar desamparadas emocionalmente.

Nessa perspectiva, os dados mencionados indicam a necessidade de abordarmos o luto infantil na tentativa de ajudar a criança a elaborar sua perda e minimizar suas consequências. Se o luto já representa um desafio para pessoas adultas e com maior repertório experencial, sua mediação na infância torna-se ainda mais complexa.. “Por se tratar de um processo inevitável, a ideia de morte é quase sempre associada a uma sentença que ameaça o self. Morrer é lidar com a impotência e a falta de controle. Nessa direção, o processo de morrer evoca medo e emoções negativas” (Silva et. al., 2012, 186).

Então, quando o luto acontece conosco, normalmente, quem está próximo apresenta uma fala consoladora e acolhedora. Todavia, quando é com alguém próximo, nós temos o dever de conduzir aquela situação, que pode estar marcada por diversas dificuldades e o grau de proximidade com a pessoa pode influenciar na condução e na superação daquele momento.

A elaboração do luto infantil é desafiadora por ser um processo marcado por sentimentos diversos como: medo, raiva, tristeza, saudade e culpa. Para ajudar a criança a lidar com a perda, é importante que os pais ou responsáveis estejam presentes e demonstrem que também estão sofrendo.

No entanto, diversos autores abordam também o enlutamento pela perda dos genitores (Freud, 1996; Scalozub, 1998; Bowlby, 1993). Esses pesquisadores evidenciam que a criança tem dificuldade de elaborar a perda de alguém de que depende, especialmente porque ela necessita das pessoas que garantem sua sobrevivência física e desenvolvimento emocional. Para muitas crianças, é inclusive difícil entender a morte como fenômeno irreversível.

As crianças, objeto deste estudo, precisam de um olhar diferenciado, pois muitas vezes seu luto não é legitimado ou reconhecido. Por essa razão, é necessário que os profissionais da educação desenvolvam estratégias para falar sobre a morte. Nesse sentido, apresenta-se neste trabalho a leitura literária direcionada para a criança, como

uma estratégia assertiva na abordagem do luto, pelas características estéticas, uso de linguagem figurada e poética, metáforas, dentre outros aspectos.

A leitura literária consiste em uma experiência que envolve a compreensão, interpretação, interação, contextualização e análise de um texto literário, desenvolvendo o pensamento crítico. Esse texto tem uma dimensão artística e apresenta ideias, sentimentos, eventos ou fatos. “A leitura literária encena alguns paradoxos, sendo um deles o de ser o leitor guiado pela intencionalidade do texto e livre para criar o seu sentido através de sua apropriação leitora, ao mesmo tempo” (Almeida, 2014, p. 145). Assim, as leituras literárias podem envolver o leitor simultaneamente influenciado pela intenção do contexto e a liberdade para construir suas próprias perspectivas.

Geralmente, as histórias infantis têm finais felizes, amores realizados e ensinamentos sublimados, porém, existem obras que abordam outras emoções, como a tristeza e as suas diversas expressões por meio da dor e do sofrimento, porque isso faz parte da vida. Assuntos difíceis ou experiências de dor também devem ser abordadas com as crianças e uma forma interessante é pela literatura, pois, como vimos em Almeida (2014), ainda que o leitor seja guiado pela intencionalidade da obra, ele, ao mesmo tempo, criará sentidos. Há leituras literárias infantis que abordam a perda e o luto, promovendo à criança uma maior familiaridade – se for o caso – com os personagens que estão passando pelas situações dolorosas. Os livros de literatura podem ser esse subsídio para retratar a dor.

Nesse contexto, a investigação se debruça sobre obras da literatura infantil que tematizam a perda e o luto, compreendendo-as como produções culturais capazes de oferecer à criança caminhos simbólicos para a elaboração de experiências de ausência, dor e despedida. Ao analisar tais obras, o estudo busca evidenciar como a literatura pode constituir um espaço de acolhimento, escuta e significação dos afetos, especialmente em momentos de ruptura e sofrimento.

Paralelamente, apresenta-se a proposição de uma sequência didática literária, inspirada na perspectiva do letramento literário desenvolvida por Rildo Cosson, entendida aqui não como prescrição pedagógica, mas como possibilidade de mediação sensível entre texto, leitor e experiência.

O percurso analítico se ancora em uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, dialogando com autores que discutem infância, morte, luto, vínculos afetivos e literatura, como Ariès (1977), Aberastury (1984), Kovács (1992), Bowlby (2001), Abramovich (2009) e Cosson (2021), entre outros, cujas contribuições permitem pensar a literatura infantil como um dispositivo potente de humanização e cuidado.

O artigo está dividido em 4 seções, respectivamente: introdução, metodologia, resultados e discussões (com os aspectos históricos sobre o luto, o luto na infância e a literatura infantil acrescentando como subseção dessa a sequência didática básica), em seguida teremos considerações finais e, por fim, referencial teórico.

2 A investigação para os caminhos da leitura literária

A abordagem adotada foi a qualitativa, que segundo Gil (2002) correlaciona esse tipo de trabalho com questões particulares entre os indivíduos, sua essência está nos aspectos sociais, ou seja, o mais próximo possível que podemos chegar na realidade entre as relações interpessoais.

Nessa perspectiva, optamos pelo método bibliográfico, pois para Toledo e Gonzaga (2011, p. 37), “a pesquisa bibliográfica é aquela que se vale de materiais como



livros, vídeos, artigos científicos, dissertações ou teses” para fundamentação e análise dos dados.

A revisão de literatura teve como finalidade verificar interesses e buscar inspirações para responder a problemática e investigar teorias concernente ao assunto, possibilitando o fechamento de lacunas que porventura possam existir, tendo uma narrativa de cunho investigativa, pois faz-se uma análise de outras produções científicas, os quais correlacionamos com a nossa, demandando, assim, novas pesquisas. (Botelho; Cunha; Macedo, 2011).

Para coleta de dados, foram identificados, selecionados e descritos dez (10) livros ficcionais infantis que abordam a morte e o luto. Posteriormente, descrevemos as etapas de uma sequência básica de letramento literário, tendo como suporte o livro “A árvore das lembranças”.

Para isso, descrevemos as quatro etapas de uma sequência básica de letramento literário: motivação, introdução, leitura e interpretação e elaboração de uma proposta com uma das obras literárias identificadas e sugeridas no texto.

3 Leitura literária que ilumina os percursos sensíveis do luto na infância

O luto é o resultado de um processo natural de algo que está encerrando e que o indivíduo dolorosamente está vivenciando. Pode ser a perda de um emprego, um animal de estimação que morreu, uma mudança de cidade e o que muitos correlacionam à temática do luto, que é a perda de algum ente querido. Embora o luto seja uma experiência universal, a forma como cada cultura reage a ele é diferente. As tradições fúnebres podem ter música, dança, comida, cores diversas. Para Silva (2019, p. 38), “A morte é simbólica, histórica e socialmente construída. Mais do que um processo biológico, é uma elaboração cultural, e discuti-la significa, portanto, entender suas representações e práticas”.

Todos passam por essa vivência, independentemente da idade, gênero, raça e religião. As crianças, os jovens e os idosos, cada um, dentro da sua faixa etária, compreendem o luto de uma forma. Assim, os marcos históricos da humanidade permitem encarar o luto em um contexto particular.

Esta seção fragmenta-se em 3 subseções: os aspectos históricos do luto, em seguida dialoga-se sobre o luto na infância e, por fim, o uso da literatura infantil no período do luto da criança.

3.1 Aspectos históricos da morte e do luto

A morte é um assunto tabu para muitas pessoas, existem resistências e evitação de discutir a morte. Conforme anunciado, cada sociedade e cada época apresenta uma forma particular de lidar com a finitude da vida; e o luto é um assunto que recentemente vem sendo discutido, talvez pelo impacto da Pandemia.

Com a pandemia da Covid-19¹, decretada em meados de fevereiro de 2020, muitas famílias foram impactadas pelo vírus sars-cov-2. Os noticiários ficaram repletos de notícias sobre morte, todos nós, de alguma forma, tivemos que passar por situações difíceis na época, então, falar sobre a morte e luto tornou-se algo premente.

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID (Acesso: 10.mar.2025)



Philippe Ariès, na sua obra “*História da morte no ocidente*” (1977), esclarece-nos sobre o processo de morrer durante os séculos, buscando registro em fontes literárias, litúrgicas, testamentárias dentre outras, o autor inicia sua pesquisa por volta do século XV, nesse período a morte era um momento de despedida, as pessoas se reuniam em volta do “moribundo”, na cerimônia, todos podiam entrar no quarto da pessoa, inclusive as crianças.

Ariès (1977) afirma ainda que, entre os séculos XVI e XVII, começava a utilização de cemitérios pelos indivíduos, que ficavam localizados nos arredores da igreja. Os ossos, como crânio, por exemplo, ficavam expostos na igreja como artigo de decoração. Todas as pessoas eram tratadas assim? Não. O autor mencionado nos esclarece que os corpos dos pobres eram colocados em “fossas”, quando estavam lotadas, fechavam e abriam outras para ser reabastecida, quer dizer, não havia cuidados relativos à higiene e à dignidade relativos ao indivíduo.

Para visualizar didaticamente a evolução dos estudos sobre a morte, organiza-se as investigações de variados autores e autoras no Quadro 1 subsequente, intitulado “A evolução dos estudos sobre a morte”.

Quadro 1. A evolução dos estudos sobre a morte

Autor	Contribuição
William Osler	Na publicação da obra “A study of death”, em 1904, são abordados os aspectos físicos e psicológicos da morte com o objetivo de minimizar o sofrimento das pessoas no processo de morte
Herman Feifel	A obra “The meaning of death”, de 1959, ao buscar a conscientização sobre a morte em um contexto de proibição sobre o tema, constituiu um marco importante que caracterizou esse período.
Elisabeth Kübler-Ross	Na década de 1960, encontram-se os trabalhos da psiquiatra Kübler-Ross, realizados a partir de suas experiências profissionais com pacientes terminais. A obra “Sobre a morte e o morrer”, publicada em 1969, analisa os estágios pelos quais passam as pessoas no processo de terminalidade: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação
Wilma Torres	Em 1980, criou o programa pioneiro de Estudos e Pesquisas em Tanatologia, na Fundação Getúlio Vargas, que abordava os seguintes temas: 1) Significado humano, histórico, antropológico e social da morte; 2) Morte e educação; 3) Morte institucionalizada; 4) Psicologia do doente terminal.
Maria Helena Pereira Franco	Especialista na área e coordenadora do Laboratório dos Estudos sobre o Luto, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O objetivo do laboratório é que os profissionais desenvolvam e aprimorem a sua compreensão do paciente, da relação terapêutica e de algumas modalidades da prática clínica voltada para luto (psicoterapia, intervenção breve e orientação).
Maria Júlia Kovács	Coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Morte, da Universidade de São Paulo, que tem como objetivo formar profissionais de saúde e educação sensíveis às pessoas em situações de perdas, limite, luto e morte nas várias fases do desenvolvimento.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Combinato e Queiroz, 2006.

Conforme ilustra o quadro 1, no século XIX, devido à ascensão das representações artísticas do romantismo, a morte teve um viés diferente, mais digno e menos sombrio. Os aspectos religiosos começaram a fomentar ideais distintos dos de outrora.

O século XX, conforme Silva et al. (2012, p. 4), Ariès (1977) e Combinato e Queiroz (2006), é o período que configura a morte invertida, tornando-a algo vergonhoso. Evitando, assim, o âmbito doméstico, passando a adotar hospitais e/ou



instituições de isolamento, ressaltando, nesse caso, a supressão do sentimento de luto, buscando esconder a dor. “Para o homem ocidental moderno, a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha. Tenta-se vencê-la a qualquer custo e, quando tal êxito não é atingido, ela é escondida e negada. (Combinato; Queiroz, 2006, p. 210).

Existe, como escrito, uma resistência a própria ideia da morte e o desejo da vida eterna. Conforme descreve João Cabral de Melo Neto:

E somos Severinos. Iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, da mesma morte, severina: que é a morte de que se morre. De velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte. De fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença. É que a morte severina ataca em qualquer idade. E até gente não nascida). (Melo Neto, s/d, p. 02 e 03)

A morte é certeza irreversível e dificilmente estamos preparados para lidar com a morte, ou para ajudar alguém que passa por um episódio de perda. De forma impecável, Melo Neto (s/d) deixa claro que há desigualdade até na morte: alguns morrem são mais vulneráveis à morte, outros tem finais mais violentos, sendo partícipes dessa “vida severina”.

3.2 Luto na infância

Falar sobre a morte é difícil independente do papel que assumimos: seja como pais, mães, educadores, profissionais de saúde, crianças, jovens, adultos e idosos, é complexo falar sobre o fim de um ciclo, de uma vida. Ademais, o desconhecimento agrava sentimento de insegurança e medo.

Desde a infância, conceitos sobre a origem e o fim da vida estão presentes no cotidiano dos indivíduos. A criança tem a capacidade de observação e a sensibilidade para entender o sofrimento do ambiente. Quando os adultos tentam evitar falar sobre a morte com elas, pensando em atenuar a dor que possivelmente podem sentir, perdem a oportunidade de ajudar na elaboração do luto.

Conforme Kovács (1992, p. 12), “A dor acompanha as mortes e o processo de luto se faz necessário; a criança também processa as suas perdas, chora, se desespera e depois se conforma como o adulto”. Contudo, procrastinar a dor que a criança pode sentir, gera nela confusão e insegurança, pois aquela pessoa que fazia parte de sua vida “magicamente” sumiu. Conforme Kovács (1992, p. 48 e 49):

O trabalho psicanalítico com crianças demonstra que elas percebem fatos que lhe são ocultados e, embora possam não expressá-los verbalmente, os seus conhecimentos aparecem em seus jogos, desenhos ou outras formas de expressão. Entre os jogos infantis onde ocorre a simbolização da morte estão os jogos de esconde-esconde, mocinho e bandido.

As estratégias para esconder da criança a verdade sobre a morte de algum ente querido podem acarretar as crianças problemas futuros, como já comentamos anteriormente. Utilizar eufemismos como “a pessoa virou uma estrelinha”, “foi para o céu”, “fez uma viagem”, dentre outros, faz uma confusão na sua cabeça. A dor evitada traz outros sentimentos, como o abandono, pois ela pode sentir-se enganada. Nesse sentido, Kovács (1992) afirma a necessidade de sermos diretos, mas sem frieza na fala.

Paiva (2011, p. 30) declara que “para que a criança não sofra, nós a impedimos de olhar para a realidade da vida e suas perdas. Os ganhos são valorizados, e as perdas, muitas vezes, negadas.”

Esse afastamento da criança da situação do acontecimento da morte de algum ente querido, sob a afirmação de que é para protegê-la, poupará-la do sofrimento, na verdade, subestima sua capacidade de lidar com a dor.

O luto na criança acontece diferentemente do adulto e para auxiliá-la nesse processo, Paiva (2011) aduz que:

Ao examinarem as reações de crianças à perda e a melhor forma de ajudá-las, quase todos os autores enfatizam como é imensamente importante que a criança disponha de uma pessoa que atue como substituta permanente, a quem ela possa ligar-se gradualmente. Só em tais circunstâncias podemos esperar que uma criança venha, em última instância, a aceitar a perda como sendo irremediável e a reorganizar então sua vida interior de acordo com isso.” (Bowlby, 2001, p. 127 e 128).

É na fase da infância, período importantíssimo do desenvolvimento do indivíduo, que suas ligações com o adulto de confiança sedimentam-se, construindo fortes elos, que se forem rompidos, geram consequências. Não podemos esperar o momento da perda para dialogar com as crianças sobre a morte, é necessário que o responsável e/ou educador/a inicie diálogos sobre o assunto, utilizando-se de subsídios adequados, e assim, exitosamente, com a boa condução, a criança pode sair de situações de luto com as dores atenuadas, não majoradas.

O luto das crianças nem sempre é validado, pelos familiares e/ou demais pessoas de seu círculo social. Esse modo de agir da sociedade aproxima o conceito de luto infantil do luto não reconhecido. Caselatto explora o termo “luto não reconhecido” proposto por Doka (1989) que tem sido empregado quando a pessoa experiente uma perda que não pode ser admitida abertamente; o luto não pode ser expresso ou socialmente suportado, por exemplo, quando se trata de um suicídio, overdose, mortes brutais. Esses são casos em que há uma estigmatização da morte ou da causa da morte e um silenciamento tácito, do qual a criança é integrante, mas para o qual não foi esclarecida.

A vida, a morte e o luto geram sentimentos abstratos, ou seja, elementos subjetivos, que são, realmente, complexos de esclarecer, e para a criança compreender, confiamos que, se direcionadas adequadamente, através do processo educativo, com metodologias concretas, por exemplo, vivências inspiradas em personagens literários, a criança pode conseguir chegar a uma compreensão mais favorável dos seus significados.

Para Aberastury (1984), não conversar com as crianças sobre a morte e as suas causas, ou estamos enganando-as ou escondendo, isso apenas dificulta o processo de luto e complicará a construção do seu entendimento sobre a morte. Dessa forma, enfatizamos que, por mais que seja um diálogo difícil e doloroso, é de suma importância iniciar desde a tenra idade tais assuntos.

Em virtude disso, acreditamos que no âmbito educacional pode-se utilizar recursos apropriados para abordar vários assuntos, especialmente sobre a morte. Na próxima seção, vamos dissertar sobre a leitura literária infantil e a sequência didática.

3.3 Literatura infantil e o luto

Embora a morte seja um ciclo natural que pertence a todos nós, não estamos preparados para falarmos sobre tal temática. Muitos a evitam permanentemente. Crianças e adultos sofrem com a ausência de um ente querido, o adulto pode consolar-se com a informação do que de fato aconteceu com a pessoa que partiu.

Contudo, para a criança, é algo mais complexo. Como podemos explicar que o bichinho de estimação não volta mais, por exemplo? Ou, como podemos dizer que a vovó ou o vovô ou qualquer outra pessoa querida não estará mais ali no seu convívio diário irreversivelmente?

A psicologia tem mediado a elaboração/representação do luto, tendo como mediador instrumento como o desenho. A educação vem lentamente reconhecendo a necessidade de formação profissional para lidar com o luto. Nesse contexto, apresentamos a experiência que vem sendo desenvolvida no Grupo de Estudos Clube de Leitura, vinculado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras - FECLESC, unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará – UECE, na cidade de Quixadá.

Então, existem leituras literárias infantis que abordam assuntos como dor, perda e morte em suas histórias, nos permitindo falar com a criança sobre assuntos dolorosos e difíceis de forma mais lúdica, delicada e direta, sem sermos grosseiros e/ou ríspidos. Para Abromovich (2009, p. 111):

E a morte, como é explicada, colocada, na nossa literatura infantil? O tema é ainda pouco explorado, como se as pessoas temessem tocar nele, como se a morte não fizesse parte da vida, como se a criança não se defrontasse com ela. Ao nível do que acontece no mundo, ela é informada o tempo todo [...] Ou seja, dum jeito ou de outro, a morte faz parte dos noticiários, faz parte dos comentários [...].

Para a mencionada autora, existem poucos livros ficcionais que retratam morte, sugerindo uma busca de leituras literárias que discutam esses assuntos. E, recomendamos que os livros sejam previamente lidos, para que possamos estar bem inteirados das histórias.

Na atualidade, enfrenta-se diversos desafios em âmbito escolar, um deles, é o uso exacerbado das telas. Redes sociais, como: *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram* e *Tiktok* são espaços de partilha e os jovens passam horas assistindo vídeos curtos, “reels”, como forma de entretenimento, tornando-se um grande obstáculo para as famílias e os educadores, pois o hábito de ver *memes* e cortes de vídeo gera uma resistência a atividades que demandem maior concentração e disponibilidade de tempo.

A maioria das obras literárias são impressas em papéis brancos com letras de cor preta, muitas sem ilustrações; diferente do acervo tecnológico contido nas telas de televisores *smart*, *notebook*, computador, celular e *tablet* que atraem com suas múltiplas cores, diversidades de movimentos e interatividade. Cosson (2014, p. 20) defende que:

A multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais entre tantas outras características da sociedade contemporânea são alguns argumentos que levam à recusa de um lugar à literatura na escola atual.

Todavia, a experiência de ler um livro é única. Como aponta Antonio Cândido (s/d, p. 06) “a literatura corresponde a uma necessidade universal, que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à



visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. Desse modo, enquanto educadores devemos privilegiar o livro pelo potencial de mediação que ele apresenta.

Uma parte das obras listadas no quadro que segue foram coletadas através de busca na *internet* e a outra parte conhecíamos por meio de participações em eventos referente ao uso de obras literárias e, também, grupos de estudos. Abaixo segue um quadro com sugestões de obras literárias infantil, que abordam a morte e a perda.

Quadro 2: Leitura literária infantil sobre a morte

Título	Autores/as
1. A árvore das lembranças (2014)	Britta Teckentrup
2. A parte que falta (2014)	Shel Silverstein
3. A preciosa pergunta da Pata (2009)	Leen Van den Berg e Ann Ingelbeen
4. Mas por quê?! (2013)	Peter Schossow
5. O coração e a garrafa (2012)	Oliver Jeffers
6. O Passeio (2017)	Pablo Lugones e Alexandre Rampazo
7. O pato, a morte e a tulipa (2023)	Wolf Erlbruch
8. Vazio (2017)	Anna Llenas
9. O guarda-chuva do vovô (2008)	Carolina Moreyra
10. Pode chorar, coração, mas fique inteiro (2020)	Glenn Ringtved e Charlotte Pardi

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Os livros anteriormente mencionados são indicações das autoras do presente artigo. Em cada obra, retrata-se a dor, a perda e o luto de uma forma diferenciada, mas sensível. Vamos sintetizar as 10 (dez) obras da referida lista, como forma de apresentar os seus contextos e narrativas.

A primeira obra é *A árvore das lembranças*, de Britta Teckentrup, autora alemã, apresenta como personagem principal uma raposa, que vive na floresta cercada por outros animais de diferentes espécies. Apresenta, *a priori*, como foi a vida da raposa, e em seguida mostra que ela fechou os olhos e adormeceu profundamente. Depois disso, cada animal que fez parte de sua vida ofereceu algo, prestando homenagens, lembrando de dias felizes. No final da história, nasce uma planta, representando a raposa, o tempo passa e a dor transforma-se em saudade.

A parte que falta foi escrita e ilustrada pelo americano Shel Silverstein, publicado pela primeira vez em 1976. O protagonista do referido livro é um ser circular, que busca, constantemente, algo que o complete. Nesse caso, podemos utilizar a perspectiva da pessoa enlutada, que ao perder o ente querido, sente o vazio e a incompletude.

O terceiro livro, *A preciosa pergunta da Pata*, autora belga Leen van den Berg, revela a Pata como protagonista, que faz a seguinte indagação: “O que acontece quando morremos?”, como havia perdido seu patinho, sentia-se inconformada, queria respostas. Encontrando outros personagens cada um com uma resposta particular para sua pergunta.

A quarta obra é *Mas por que?!*, escrita pelo alemão Peter Schossow. A protagonista da narrativa é uma menininha que não se conforma com a morte de Elvis,



seu passarinho, um canarinho. Para diminuir a sua dor, revive os momentos felizes que teve com ele. Buscando a serenidade de forma simples, um livro com pouco texto, porém muito ilustrativo.

Na sequência temos *O coração e a garrafa*, de Oliver Jeffers, escritor australiano. O enredo da obra é sobre uma menina que teve convívio com seu avô e, um dia, se depara com a sua poltrona vazia. Para se proteger das dores da vida, guarda seu coração numa garrafa. O tempo passa e a menina cresce, e aos poucos tudo perde o significado, tendo a necessidade de sentir pequenas emoções e sentimentos.

A sexta obra é *O passeio*, de Pablo Lugones, escritor argentino. A história do livro é sobre a relação de pai e filha, que ao longo do tempo, em um passeio de bicicleta, passam por várias fases da vida, mostrando que em certas ocasiões estamos na dianteira, em outras lado a lado e em outras ficamos para trás.

O sétimo livro é *O pato, a morte e a tulipa*, escrito e ilustrado por Wolf Erlbruch, é um contexto sobre luto e perda, em que um dia o Pato percebe a presença da morte e tem a certeza de que sua hora chegou. Acontece que o Pato começa a desenvolver uma amizade com a morte, tirando longos cochilos juntos. Assim, a partir disso, o referido livro nos traz reflexões sobre o fim da vida e os momentos que estão ao nosso redor.

A próxima obra é *Vazio*, de Anna Llenas, autora nascida em Barcelona, conta a narrativa de uma menininha chamada Júlia, que vivia juntamente com sua família na cidade grande, mas em uma casa pequenina. A autora nos traz inicialmente características da personagem principal, tais como ser uma criança feliz e tranquila, porém, de repente, tudo muda, e só há um grande vazio. Mostra, através das ilustrações, que tudo passa pelo “buraco” instalado na menina, como o vento e monstros. Para substituir esse vazio, a personagem tenta preenchê-lo, seja comendo, seja tentando tampar com objetos dentre outros esforços. Acontece que essas substituições pioram a sua situação, entretanto, na metade da obra, mostra-se que a dor faz parte do luto, foi quando saiu da zona de sofrimento, iniciando outra fase e, por fim, aceitando o vazio que sentia.

A penúltima indicação da lista é *O guarda-chuva do vovô*, escrita por Carolina Moreyra, escritora brasileira, e ilustrada por Odilon Moraes, também brasileiro. O livro conta a história de uma menina que convive com o avô que nunca saía do quarto, e que estava “encolhendo”. O elo que liga os personagens são as memórias afetivas, especialmente nos dias chuvosos, em que a menina poderia usar o guarda-chuva do avô.

Por fim, temos a obra *Pode chorar, coração, mas fique inteiro*, de Glenn Ringtved, autor dinamarquês, o livro foi ilustrado por Charlotte Pardi, que nasceu também na Dinamarca. A obra nos traz a vivência de quatro irmãos: dois irmãos mais velhos e duas irmãs mais novas, que estavam aguardando a partida da avó, na companhia da Morte, representada por uma figura assustadora, com uma capa preta e nariz pontudo. No andar de cima da casa, estava a avó, doente, de cama, era ela quem a Morte estava indo buscar. Mas, as crianças estavam resistentes e desconsoladas, contudo, a Morte tenta driblar essa situação de forma muito sensível. Mostrando, por meio de uma narrativa contada por ela mesma, que a vida é um ciclo e a morte faz parte desse ciclo, e, também, as emoções básicas, como a tristeza e a alegria.

Sintetizamos as obras apenas para instigar a leitura, as histórias em si são extremamente sensíveis e profundas, de modo que, pessoas de diferentes idades podem ler e se identificar com os personagens, sentir a dor que estão transmitindo. Isso acontece porque a obra literária permite vivências diversas.

A literatura desperta o imagético, responde as possíveis curiosidades, apresenta diferentes formas de solucionar problemas e permite compreender conflitos e, também,

a contemplação dos atravessamentos na vida que indivíduo, a partir das experiências das personagens, bem como, o enredo narrado na obra.

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram ...) É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não), pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). (Abromovich, 2009, p. 17).

Ou seja, o objetivo dos livros literários é que os leitores ou os ouvintes das histórias se conectem com os personagens e se vejam, o que vai viabilizar que inicie o processo de diálogo consigo mesmo.

Porém, as contações e as leituras não podem ser realizadas de todas as formas quando objetivamos atingir um alvo, são necessárias estratégias e recursos, para que a margem de acerto seja maior. A sequência básica não é necessariamente realizada por educadores/as, pessoas de outras áreas podem aplicá-las, naturalmente, pais, mães, responsáveis, compete a eles também.

Reservamos um tópico para dissertarmos sobre a sequência básica de obras ficcionais, vamos explicá-la, pormenorizadamente, a fim de corroborar as demandas que porventura podem surgir.

3.3.1 Sequência básica didática

Além de sugestionarmos as leituras literárias infantis que abordam a temática luto, agora vamos propor uma sequência básica didática, a fim de evidenciar uma estratégia para uso da leitura literária como mediadora do luto em sala de aula.

A sequência básica de letramento literário, como o nome já nos sugere, tem uma sequência, uma organização que requer ordenar, estruturar e articular as atividades que pretendemos realizar, cujos objetivos educacionais estabelecem, tendo um princípio e um fim que são conferidos aos referidos profissionais, assim assevera Zabala (1998).

Com isso, propomos a sequência básica de Rildo Cosson (2021), que pode ser replicada por professores e professoras da educação básica, que objetivam abordar questões tão sensíveis como a perda e o luto com as crianças por meio da análise dos livros infantis.

O referido autor fundamenta sua sequência básica em 4 passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação, a etapa inicial, propomos que seja perguntado algo às crianças relativo a perdas, por exemplo, se já perderam alguém ou algum bichinho de estimação ou se conhecem alguém que perdeu. Aqui é o momento que as crianças vão começar a ter contato com a apreciação de obra literária. Sugerimos, como exemplificações, trechos importantes de alguns filmes: “Up - Altas aventuras”, “O Rei Leão”, “Frozen” e “O Bom Dinossauro”, para motivar a discussão dos conceitos iniciais de morte.

Na etapa dois, a introdução, sugerimos que seja apresentada a capa do livro, explorar bem as ilustrações, falar um pouco sobre os autores/as, apontar o título da obra, a fim de que as crianças possam começar a se familiarizar com os personagens e as histórias que estão por vir.

Figura 1: Capas de alguns livros sugeridos



Fonte: montagem das autoras a partir de imagens disponíveis na internet.

A terceira etapa é a leitura, nesse momento sugerimos a leitura da obra em si, vamos ler na íntegra a história, sem pressa, utilizando estratégias que as crianças possam conectar-se mais ainda com os personagens. No decorrer da apreciação do livro, se as palavras e/ou expressões porventura forem de difícil compreensão, é interessante que sejam explicados seus significados. Ler com boa entonação, contando a história com envolvimento.

Por fim, a última etapa, a interpretação. Recomendamos que as crianças sejam instigadas a falar. É a ocasião em que vamos perceber se compreenderam ou não a história recém-lida. As indagações sobre os personagens se passaram por algo semelhante ou se conhecem alguém. Ouvir a dor da criança, seus sentimentos, deixá-la expressar-se. Por exemplo, se a obra for *A árvore das lembranças*, podem ser feitas perguntas como: o que entenderam da obra? O que estão sentindo após a análise do livro? Quais lembranças mais marcantes vividas pelos personagens? O que a árvore representa? Ela é a raposa? Essas podem ser algumas questões que o mediador(a) pode fazer nessa etapa.

A proposta da sequência básica de Cosson é simples de fazer. Seguindo os passos rigorosamente, podemos ter bons resultados, falar de assuntos desafiadores, mas de forma leve. Ademais, é fundamental que possamos cada vez mais incentivar a leitura entre crianças e jovens.

O estímulo à leitura deve ser objeto de preocupação constante no cotidiano escolar. A valorização da leitura, considerada num sentido amplo, advém de sua importância para inclusão do sujeito numa cultura letrada. Nesse sentido, o ato de ler livros clássicos universais ultrapassa habilidades simples de decodificação, a simples capacidade de atribuir sentido ao decodificado ancora-se na habilidade de compreender o que nos chega por meio das informações descobertas, analisando-as e posicionando-nos criticamente frente a elas. O domínio das habilidades específicas da leitura oferece ao sujeito melhores chances no mercado de trabalho e permite, de forma mais abrangente, exercer a própria cidadania (Carvalho, 2015, p. 14).

A autora evidencia a importância do ato de ler em uma sociedade letrada. A literatura pode potencializar o alfabetamento, favorecer habilidades específicas da proficiência leitora, desenvolver conhecimento estético e auxiliar na abordagem de temáticas sensíveis como é o caso do luto.

4 Considerações Finais

Esta pesquisa teve como finalidade apresentar leituras literárias que tratam sobre dor, perda e, especialmente, luto. Inicialmente, trouxemos aspectos históricos sobre como as pessoas lidavam com a morte, com o recorte de tempo a partir da Idade Média até o século XX; em seguida, discutimos o luto na infância, para identificar como as crianças sentem e expressam seus sentimentos de perda de entes queridos.

Trouxemos sugestões de leituras literárias infantis que retratam tópicos que foram objetos de nossa pesquisa, pois buscamos, por meio da leitura de livros ficcionais, identificação com os personagens, e com as crianças não seria diferente.

Culminamos nossa pesquisa com a sugestão de uma sequência didática básica de Rildo Cosson, pois acreditamos que seria uma forma mais assertiva de abordar assuntos difíceis e dolorosos, e a escola, juntamente com os profissionais da educação, é um lugar propício de formação sistematizada, pois, muitas vezes, os pais e/ou responsáveis sentem dificuldades de tratar de tais assuntos com suas crianças.

Por meio desta pesquisa, concluímos a importância de falar sobre o luto com as crianças de forma direta, porém delicadamente, sem eufemismos e metáforas, e assim a compreensão do real sentido da morte e do luto que poderá, dessa forma, reconstruí-los.

Referências

- ABERASTURY, A. **A percepção da morte nas crianças.** Tradução de M. N. Folberg. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- ALMEIDA, Leonardo Pinto de. A experiência total da leitura literária. **Arquivos Brasileiros de Psicologia;** Rio de Janeiro, n. 2, v. 66, p. 143-158, 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v66n2/11.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- ABROMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 2009.
- ARIÈS, P. (1977). **História da morte no ocidente** (P.V. Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro (RJ): Francisco Alves.
- BOTELHO, L. L. R., Cunha, C. C. D. A., & Macedo, M. (2011). **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais.** Gestão e Sociedade, 5 (11), 121-136
- BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- BOWLBY, J.. Perda: tristeza e depressão. In: BOWLBY, J.. **Apego e perda** (v. 3). São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** s/d. Disponível em: <https://culturaemarxismo.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- CARVALHO, Damiana Maria. A importância da leitura literária para o ensino. **Entreletras,** Araguaína, v. 6, n. 1, p.6-21, jan/jun. 2015. Disponível em:

file:///C:/Users/notde/Downloads/eamorim,+Gerente+da+revista,+A+IMPORT%C3%882NCIA+DA+LEITURA+LITER%C3%81RIA+PARA+O+ENSINO.pdf. Acesso em: 23 mar. 2025.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, n. 2, v. 11, p. 209-216, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2025.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 13^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

FREUD, S.. Luto e melancolia. In **Obras completas**. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida Severina**. Belém: Núcleo de Educação a Distância – NEAD, s/d. Disponível em: <https://colegiocngparanagua.com.br/wp-content/uploads/2020/07/MORTE-E-VIDA-SEVERINA.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2025.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças**. A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores / Lucélia Elizabeth Paiva. — Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011.

SCALOZUB, L. T.. El duelo y la niñez. Mas allá de las fronteras del Psicoanálisis. **Revista de la Asociación de Buenos Aires: abordages en Psicoanálisis de Niño**, v. 20, p. 367-83, 1998.

SILVA. Érica Quinaglia. Ideário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica. **Revista Bioética**, v. 27, n. 1, p. 38-45, jan.-mar., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/NPvQ3WfCzbCZpZM9JpYz4TR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2025.

TOLEDO, Cézar de Alencar Arnaut de. GONZAGA, Maria Teresa Claro. (Organizadores) **Metodologia e técnicas de pesquisa: nas áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Eduem, 2011.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa como ensinar**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Reimpressão 2010. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Referências complementares

BERG. Leen van den. **A preciosa pergunta da pata**. Ilustrado por: Ann Ingelbeen. Tradução: Vânia Maria Araújo de Araújo. 1º ed. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

ELRBRUCH, Wolf. **O pato, a morte e a tulipa**. Tradutor: José Marcos Macedo. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

JEFFERS, Oliver. **O coração e a garrafa**. Tradutora: Maciel, Tatiana. 1. ed. São Paulo: Salamandra, 2012.



LLENAS, Anna. **Vazio**. Tradução: Silvana Tavano. São Paulo: Moderna, 2017.

LUGONES, Pablo. **O passeio**. 1º ed. Editora: Gato Leitor. 2017.

MOREYRA, C. **O guarda-chuva do vovô**. São Paulo: DCL, 2009.

RINGTVED, Glenn. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. Ilustração: Charlotte Pardi. Tradução: Caetano W. Galindo. 1º ed. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2020.

SHOSSOW, Peter. **Mas por que?!**. Idioma: Português. 1º ed. Cosac & Naify, 2008.

SILVERSTEIN, Shel. **A parte que falta**. Ilustrado por Shel Silverstein. Tradução: Alípio Correia de França Neto. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

TATSCH, Constança. **Estudo estima que 1,5 milhão de crianças no mundo perderam um dos responsáveis para a Covid-19**. O Globo, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/estudo-estima-que-15-milhao-de-criancas-no-mundo-perderam-um-dos-responsaveis-para-covid-19-25118951>. Acesso em: 20 mar. 2025.

TECKEMTRUP, Britta. **A árvore das lembranças**. Tradução: Marília Garcia. 1º ed. Rio de Janeiro, 2014.